



Fábio Régio Bento fez seu pós-doutorado junto ao NER (Núcleo de Estudos da Religião) do PPG em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Doutor em Ciências Sociais pela PUC San Tommaso (Roma, 1996). Mestre em Teologia Moral Social pela Academia Alfonsiana (Roma, 1992). Para a criação desse livro, viajou pela América Central em abril de 2014, realizando entrevistas na Nicarágua, Guatemala e El Salvador. Leciona Política, Religião e Relações Internacionais no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa. Grupo de pesquisa CNPq em Religião e Relações Internacionais.

O livro de Fábio Bento é uma importante contribuição à compreensão de um dos mais relevantes movimentos revolucionários na história da América Latina: as insurreições populares na Nicarágua e El Salvador. A singularidade destes movimentos decorre do seguinte: é a primeira vez, desde a Queda da Bastilha, em 1789, que um processo revolucionário conta com a participação massiva dos cristãos, inclusive na direção da luta. Um acontecimento destas proporções exige uma reflexão renovada sobre o que significa “religião”, sua relação com a luta de classes, e, de forma mais específica, o que mudou com o aparecimento da Teologia da Libertação - questões discutidas, de forma muito esclarecedora, no primeiro capítulo do livro. Aparece aqui uma forma de religião que, longe de ser um “ópio do povo”, atua como um toque de sinos que desperta o povo para a luta. Para muitos marxistas - entre os quais o autor deste prefácio - os movimentos revolucionários da América Central foram o principal incentivo para uma reavaliação da concepção materialista histórica da religião.

*Michael Löwy*



Fábio Régio Bento

MARXISMO E RELIGIÃO

PACO EDITORIAL

FÁBIO RÉGIO BENTO

# MARXISMO E RELIGIÃO

Revolução e Religião na América Central

Prefácio de Michael Löwy



Na Nicarágua e El Salvador a religião não foi ópio do povo, mas “urtiga revolucionária”. Aliás, a célebre afirmação “a religião é o ópio do povo”, específica de um debate mais metafísico do que histórico sobre religiões, não foi inventada por Marx, mas citada por ele, e, sobretudo, não se trata de uma afirmação marxista. Marx era ateu, mas o materialismo do marxismo não é crente nem ateu. Não se trata de um materialismo filosófico nem teológico, mas de um materialismo sociológico, focado na análise das relações materiais de produção, que reconhece que tais relações são legitimadas ou contestadas por ideologias leigas ou confessionais.